

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

MÚSICA

Reggae, memória e afeto

Amanda Flora
amandaf@jcrs.com.br

Com quatro décadas de estrada e convictos em espalhar uma mensagem de resistência, espiritualidade e consciência social, a banda maranhense Tribo de Jah retorna a Porto Alegre para um show de celebração, carregado de memória e significado. E a história do grupo de reggae se funde à do próprio gênero no Rio Grande do Sul. Uma das primeiras apresentações da banda fora do Maranhão foi no Estado, que, inclusive, rendeu muita história para contar e uma relação particular do grupo com o público gaúcho.

São inúmeras turnês, amizades e músicas inspiradas pelas passagens da Tribo de Jah por aqui, que agora ganham mais um capítulo com um show que integra a turnê comemorativa aos 40 anos. A apresentação ocorre no sábado, num lugar mítico para a banda. Parafraseando a própria banda na canção *Reggae no Rio Grande*, a tribo toda vai estar em transe unida unida no Opinião (José do Patrocínio, 834), a partir das 21h. Ingressos custam a partir de R\$ 85,00 via Sympla. “Porto Alegre tem um significado muito especial na trajetória da banda. São muitos momentos que vivenciamos aí, sempre de forma muito intensa”, afirma o vocalista e integrante fundador do grupo, Fauzi Beydoun.

Em entrevista ao *Jornal do Comércio*, o vocalista falou que a apresentação marca o encerramento das celebrações e que Porto Alegre tem a importância necessária para este momento. “A gente deveria ter acabado essa turnê em janeiro, quando fizemos um show no Rio, mas preferimos estender e concluir em Porto Alegre”, afirma.

Formada em São Luís do Maranhão em meados dos anos 1980, a Tribo de Jah construiu uma importante carreira independente e se consolidou como um nome de peso para o reggae no país. São 18 álbuns e dois DVDs, levan-

do canções com letras marcadas por mensagens sociais, espirituais e políticas. Nesse percurso, o Rio Grande do Sul acabou se tornando um lugar especialmente simbólico.

“A primeira ida da banda ao Sul foi uma coisa pitoresca, porque, naquele tempo, acho que pouca gente do Rio Grande ouvia falar de reggae”, relembra Fauzi. E o adjetivo pitoresco é no mínimo interessante. Acontece que a banda havia sido convidada para conceder uma entrevista a uma TV de São Paulo com tudo pago e, de última hora, pediu para remarcar o destino da passagem de avião para Porto Alegre - mudanças deste tipo eram algo fácil de se fazer na época. “A gente chegou completamente amador, sem noção de nada”, recorda.

Fauzi conseguiu o contato de uma pessoa que trabalhava com produção de shows na cidade e, quando desembarcou em Porto Alegre, o grupo foi recebido com direito a carona numa velha Veraneio - caminhonete comum de ver pelas ruas até os

anos 1990.

“Naquele tempo a banda tinha seis integrantes. Foi todo mundo muito apertado na Veraneio. E ele levou a banda para um hotel na Avenida Farrapos, e era um hotel assim... Muito modestinho. Só que ele sumiu, deixou a banda lá. A gente não tinha dinheiro para comer”, recorda o fundador do grupo.

A situação dramática, lembrada por Fauzi com muito bom humor, fez os integrantes passearem pela cidade atrás de oportunidades para tocar. Uns dias depois, o tal produtor reapareceu com uma proposta no mínimo interessante. “Fomos tocar numa discoteca em São Leopoldo que era de música *dance*. A galera olhava para a gente tocando reggae e pensava: ‘o que é isso?’”

Apesar do início improvável, o vínculo e o carinho com o público gaúcho se consolidou ao longo das décadas. A banda passou

a retornar com frequência a região, acumulando histórias, amizades e até composições inspiradas pelas viagens ao sul do País. “Todas as vezes que estivemos aí fizemos muitos amigos e fomos muito bem acolhidos”, conta o vocalista. “Hoje existem fãs que já viraram quase uma família. Quando a gente vai ao Sul, reencontra amigos muito próximos e isso cria um ambiente muito especial.”

Esse relacionamento acabou se refletindo também na própria obra da banda. Algumas músicas famosas foram compostas durante passagens pelo Rio Grande do Sul, como *Breve Sopro do Ar*, escrita durante uma viagem pela freeway. E *Reggae no Rio Grande* traz o nome das cidades do Estado que a banda carrega com carinho na memória. No sábado, o público poderá ouvir essas canções que atravessam diferentes fases da carreira.

Ainda segundo Fauzi, a apresentação tam-

bém reunirá outros clássicos que se tornaram obrigatórios nos shows, como *Uma Onda que Passou*, *Não Basta Ser Rasta*, *Morena Raiz*, *Regueiros Guerreiros*, *Ruínas da Babilônia* e *Abandonados pelo Sistema*, além de versões de músicas do maior astro do reggae, Bob Marley. “São muitos anos de estrada e muita música”, afirma Fauzi. “A gente acaba fazendo um apanhado do que é mais relevante, os clássicos que marcaram a trajetória. Mas sempre há algumas especificidades regionais, porque algumas músicas fizeram mais sucesso no Rio Grande do Sul do que em outros lugares”, conta, se referindo ao *setlist* do show aqui.

Ao olhar para as quatro décadas de atividade, o cantor também destaca o caráter independente da banda como um dos pilares da sua história. Para ele, manter essa autonomia foi essencial para preservar a identidade do grupo e os princípios da filosofia que ele segue. “A gente nunca esteve no topo da grande mídia, mas isso é motivo de orgulho. O reggae tem um conteúdo político e filosófico, é uma música de resistência. A gente sempre preferiu manter nossos princípios”, conclui.



Tribo de Jah se apresenta neste sábado, às 21h, no Bar Opinião